1.ª serie 1 DE DEZEMBRO DE 1892 N.º 12

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES

SUMMARIO

Extracto da allocução pronunciado na solemne distribuição de premios, a 11 de dezembro..... *Dr. José Maria Rodrigues*
Ao premio pelo trabalho..... *Padre Julio Cesar*
Deus, fé e sciencia..... *Padre Henrique Gomes*
Os trabalhos apostolicos no continente negro *P.e F. J. Patricio*
Eia! (poesia)..... *Mattos Ferreira*
Influencia do catholicismo nas producções da intelligencia..... *José Victorino Pinto de Carvalho*
Indice..... 381
Erratas..... 383
Gazetilha (nas capas 2.ª 3.ª e 4.ª pag.)..... *O Collegial, A. V.*

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao **dia 20** de cada mez.

Assignatura.—Anno 1$000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.

As obras litterarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSAVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

GAZETILHA

A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS

Que festa!

Foi no dia 11 de dezembro, dia de S. Dámaso—o Pontifice portuguez—, que se distribuiram os premios aos briosos rapazes que no anno lectivo passado deram provas de aproveitamento moral ou literario.

E o tempo convidava. Fazia um sol esplendido e no azul limpido não havia manchas de nuvens! Uma boa pirraça ao astronomo agourento que prognosticára um dia medonhamente alagado e tempestuoso.

O collegio vestia galas. Viam-se por todo o edificio em profusão artistica bandeiras e trophéos, verdes e flores. Assim, aquella orgia de côres punha em toda a parte a nota cantante da alegria juvenil. Entre tudo destacava-se o salão destinado á sympathica solemnidade. Das misulas da cornija pendiam elegantes, numerosas banbolinas de hera, entretecidas de camelias: do centro desciam lustres faiscantes de luz: d'onde a onde, trophéos com emblemas allegoricos; ao fundo, em meio de damascos custosos, a bandeira escolar azul e ouro, a meza presidencial, o estrado para a orchestra, corpo docente e convidados mais distinctos. Era bello!

Ás 8 horas, para que a nota religiosa não faltasse n'esta festa do estudo, o D.^{mo} Director P.^{e} Domingos Dias de Faria, cantou missa acolytado pelos Rev.^{dos} Henrique Gomes e Antonio Joaquim d'Oliveira.

Entretanto chegava ao collegio o Ex.^{mo} Snr. Doutor José Maria Rodrigues, lente da Faculdade de Theologia, que cedendo á voz da amizade e esquecendo os innumeros incommodos d'uma viagem longa, viera propositadamente de Coimbra presidir a esta solemnidade.

Ainda se não abrira a Academia e já o vasto salão estava literalmente cheio. Viam-se alli muitas damas da primeira nobreza, cavalheiros da mais elevada posição social, deputações das mais

importantes corporações de Guimarães, taes como: da Ex.ma Camara Municipal, do Rev.do Cabido da Real Collegiada, do Pequeno Seminario, da Sociedade Martins Sarmento, da Associação Commercial, dos Bombeiros Voluntarios, do Club Commercial, da Associação Academica etc.

Entrou na sala acompanhado de collegiaes, professores e Direcção do collegio, o Illu stre Presidente que convidou para secretarios os Ex.mos Snrs. Sousa Guimarães, coronel d'infanteria 20 e Augusto Caldas.

Abriu-se a sessão com o hymno do collegio cantado por 20 collegiaes. Em seguida o sabio Presidente pronunciou um brilhante allocução que mereceu uma calorosa salva de palmas.

Discursaram tambem os illustrados professores, P.e Henrique Gomes, cujo talento oratorio é já muito conhecido, P.e Joaquim Machado e P.e Julio Cesar que fizeram uma promettedora estreia. Discursou ainda o collegial Francisco Barbosa, e recitaram formosas poesias os collegiaes José Sumavielle, Raul Guimarães e Carlos Borges que mereceram unanimes applausos. A briosa Academia Vimaranense fez-se tambem representar n'este certamen literario por um dos seus membros, Manuel da Costa Roriz, que recitou com notavel distincção uma bella poesia.

Entremeando estes discursos e poesias, a excellente orchestra regida pelo distincto professor M. M. Martinó executou magistralmente mimosos trechos musicaes.

Seguiu-se a distribuição de premios. Cada alumno recebia um diploma e um elegante volume e era abraçado pelo Illustre Presidente, pelos professores e por alguns convidados. Foi uma cerimonia verdadeiramente tocante.

Terminou a brilhante Academia com o hymno do collegio.

Á noute, depois do jantar que correu animadissimo, houve illuminação na fachada do collegio e na frontaria do templo, queimou-se fogo do ar, deram-se numerosas exhibições de lanterna magica, e a orchestra executou musicas primorosas.

No dia seguinte de manhã, todos os collegiaes e professores acompanharam o doutissimo Lente á Estação de Guimarães. E na *gare*, á despedida, que foi muito affectuosa, levantaram-se vivas enthusiastas ao Ex.mo Snr. Doutor José Maria Rodrigues, á Faculdade de Theologia e á Universidade de Coimbra.

Foi uma festa solemne e brilhante.

CRENÇA & LETRAS

Extracto da allocução que o Ex.mo Snr. Doutor José Maria Rodrigues, lente da Faculdade de Theologia, pronunciou na solemne distribuição de premios realisada no Collegio de S. Damaso, a 11 de dezembro de 1892.

Minhas Senhoras
Meus Senhores
Estudiosa Juventude.

Chamado pela voz da amizade, é com intima satisfação que eu venho tomar parte na sympathica festa que hoje se celebra nesta casa.

A illustrada direcção do collegio de S. Damaso, conformando-se com as boas normas pedagogicas, galardoa neste dia, por fórma publica e solemne, os estudantes a seu cargo que mais se distinguiram no ultimo anno lectivo, já pelo bom procedimento, já pela applicação ao trabalho e pelo consequente resultado obtido nos exames.

Premiar os alumnos que cumpriram os seus deveres; apresental-os aos companheiros, como exemplo e modelo para ser imitado—tem sido e ha de ser sempre um dos meios mais efficazes para incutir nos animos juvenis o amor ao estudo e para os estimular a bem proceder.

Senão dizei-me, vós, em honra de quem se veste hoje de galas o collegio de S. Damaso: Não vos daes por bem recompensados das vossas lides, vendo-vos agora o alvo das attenções e carinhos de tantas e tão gradas pessoas, que aqui se acham presentes? Não daes por bem empregadas as longas e penosas horas de estudo, as luctas comvosco mesmos, para vos não afastardes do caminho do dever, pensando no grande jubilo que enche n'este momento os corações das

pessoas que vos estremecem, de vossas mães, de vossos paes, de vossos mestres? Não vos sentis revigorados para proseguir nos trabalhos escolares, dispostos a não desmerecer por nenhum acto menos regular a estima de vossos directores e de vossos mestres?

E vós, alumnos do collegio de S. Damaso, que assistis como espectadores a esta ovação, prestada aos vossos companheiros, sirva-vos de exemplo e de estimulo o que estaes presenceando; nunca vos esqueçais de que estas homenagens se conquistam pelo trabalho assiduo e pelo exacto cumprimento do dever. Formae o proposito de, para o proximo anno, vos sentardes n'aquelle logar de honra; conservai-vos sempre fieis a esse proposito, e vereis realisadas as vossas aspirações. Se nem todos alli poderdes chegar pelo caminho do trabalho intellectual, a ninguem é prohibida a entrada pela senda, não menos nobre, do procedimento exemplar.

Meus caros premiados, é preciso que na vossa mente fique profundamente gravado o que vou dizer-vos: os louros que hoje colheis, os premios que ides receber, impõem-vos a obrigação de proseguirdes no caminho incetado, cada vez com mais zelo e com mais affinco. O posto de honra que conquistastes, não podeis nem deveis abandonal-o. Seria menos decoroso retrocederdes. Seja portanto a vossa divisa: estudar e bem proceder.

E vós, que este anno não quizestes ou não podestes pertencer ao numero dos premiados, regosijae-vos, como jovens de coração bem formado, com o triumpho dos vossos companheiros, e resolvei, como rapazes briosos, compartilhar para o futuro da gloria que hoje os enaltece.

Illustrada direcção e illustrados professores, a quem se acha entregue a educação e instrucção dos alumnos d'esta casa: acceitae as minhas sinceras e cordiaes felicitações, por verdes tão brilhantemente coroados os vossos esforços. Proseguí sem esmorecer, antes de cada vez mais animosos, na missão espinhosa, mas nobilissima, de illuminar as intelligencias com a fulgurante luz da verdade, e de formar os corações com os sãos principios da moral e da religião.

O futuro da nossa infeliz patria antolha-se tenebroso, como nunca o esteve em epoca alguma, e a geração que agora frequenta as aulas ha de assistir á temebrosa crise, em que talvez percamos tudo, incluindo o nome honrado que nos legaram os nossos antepassados.

Nós, os que estamos encarregados da educação e da instrucção da mocidade, empenhemos, pois, todos os nossos esforços, para que a nova geração não siga o caminho das que a têm precedido, causando crueis desillusões aos que n'ellas depositavam as suas esperanças.

Moralidade, honra, pundonor, vergonha—é a falta d'estes sentimentos que nos arrastou á borda do abysmo. Labutemos, pois, até onde chegarem as nossas forças, por incutir no animo da juventude, a par do amor ao trabalho, esses sentimentos, que são os verdadeiros antisepticos da ordem moral.

Se nada se puder conseguir, se estão contados os dias d'este povo, digno de melhor sorte, fique-nos ao menos a consciencia de havermos cumprido o nosso dever.

Disse.

AO PREMIO PELO TRABALHO (1)

Para animar a tela em que figura a mais augusta apotheose do trabalho, a mais brilhante glorificação do merito, é indispensavel um contraste de luz e de sombra.

Eis a justificação da minha ousadia.

A verdadeira illustração, que tem por apanagio a indulgencia para com os pobres d'espirito, Ex.mo Snr., meus senhores perdoar-me-ha o haver cedido ao ardente sentimento de congratulação para com estes jóvens a quem me dirijo, e cujo coração generoso, pagará sempre com fervorosa retribuição d'affecto a quem por elles vivamente se interessa..—

—Enriquecer o espirito com os preciosos thesouros do

---

(1) Discurso pronunciado na academia literaria realisada no collegio de S. Damaso, a 11 de dezembro de 1892.

saber, ornar o coração com as peregrinas flores da virtude... não conheço outra aspiração mais digna do ardente latejar de um coração juvenil.

E vós ides consagrar ao arduo mas nobre trabalho de realisal-a, o alvorecer da vossa juventude alegre e jovial. Feliz idêa!

Avante! trabalhae... e o meu discurso está feito.

Tudo o que a amisade, o zelo e o enthusiasmo poderiam dictar-me, dil-o o explendor de uma festa solemnisada pela presença de tão dignos representantes das sciencias e das lettras patrias, do exercito e da imprensa que se dignaram vir tomar parte no regosijo que preside á distribuição das corôas dos vossos passados triumphos.

Cobrae, pois, novo ardor, jovens laureados, e despertem os que porventura tenham dormitado nos braços da indolencia.

Trabalhae, porque a corôa mais formosa que póde aureolar a fronte ao rei da creação é aquella em que estão engastadas as gemmas inestimaveis da virtude e do saber.

Amae pois o trabalho, como satellite da virtude, fonte da sciencia, —brazão de verdadeira nobreza.

—O ocioso é uma excrescencia morbida do organismo social. O homem que trabalha apressa a marcha triumphal da humanidade pela via do progresso para o Capitolio do seu aperfeiçoamento.

E o trabalho não consiste exclusivamente em perfurar as entranhas da terra em busca dos thesouros que ella esconde.

Mais que o camponez que fecunda o solo com ardentes suores, trabalha o cultivador do campo da sciencia, vincando por vezes de rugas prematuras e prateando de neves a fronte juvenil, para colher bem sazonado o fructo de uma verdade.

Mas quantas vezes essa verdade não se traduz em phenomenos de utilidade universal?

—Um acontecimento que perturba a tranquillidade de um povo, repercute-se no mundo inteiro com a rapidez de uma sensação, porque o trabalho, a sciencia, o progresso, que

parece querer fazer da terra um ser vivente já lhe deu, na immensa rede de fios telegraphicos, um perfeito systema nervoso.

As arterias que distribuem n'esse organismo colossal os elementos vitaes—productos da natureza e da industria, são as vias ferreas por onde corre vertiginosa e arquejante a locomotiva, esse monstro que açoutando o dorso com sua juba de fumo, desfere em um silvo, a nota mais afinada do hymno do progresso.

E assim vae o homem de triumpho em triumpho, de victoria em victoria alcançada sobre a natureza descobrindo-lhe em cada segredo um ponto vulneravel.

—Nada mais formidavel que o raio; e a sciencia sepulta-o a seus pés.—

E não haveria imaginação tão viva que sonhasse as maravilhas do telegrapho, do telephone, da locomotiva, das machinas fabris e tantas outras que devem a sua existencia aos estudos que conduziram ás descobertas da electricidade e da util e prodigiosa applicação do vapor.

Ora a sciencia está ainda na sua infancia. Por toda a parte a natureza lhe offerece mysterios; e tu joven academico poderás talvez contribuir poderosamente para desvendal-os.

Quem sabe de quantos beneficios, de quantos e quam preciosos thesouros de sciencia e riqueza a tua indolencia não iria privar a posteridade?—:—Edisson... deve o seu nome a Galvani.

*
* *

Vá! O templo da gloria está patente a todos. A Historia abre tambem de par em par as portas do seu Pantheon onde ha ainda espaço para erigir um monumento a cada genio.

Os maiores vultos que o enobrecem foram o que já hoje não é nenhum de vós: analphabetos.

Cada um dos astros mais radiantes que teem banhado a sua luz deslumbrante o mundo scientifico e litterario, teve de dissipar ao calor de um estudo assiduo, a caligem da ignorancia que lhe empanava o brilho. O proprio Newton tremera deante da vara do pedagogo.

*

* *

E para cada victoria na conquista do saber, ha uma corôa de triumpho; para cada esforço nas lides do trabalho, uma recompensa condigna—o premio.

O premio a que a indolencia no seu affectado desprendimento chama estimulo de vaidade, objecto de vangloria, mas que na realidade é uma coisa muito nobre, sendo tambem nobre e legitimo aspirar a elle.

O premio, desperta o talento, inflamma o genio e accende a coragem.

A esperança de alcançar um premio retem um Newton sepultado na obscuridade do seu gabinete, animado d'uma aspiração que só o genio póde alimentar, aspiração a um premio tanto maior, quanto vae acima do commum a grandeza do seu talento genial:—a gloria de, um dia, surgindo como um astro radiante, derramar pelo mundo torrentes de luz.

A muito o obrigara a sede do saber; e não a apagou a friura do enfado e do aborrecimento, nem as neves da decrepitude, graças á fagueira esperança de que a Historia o apresentaria á admiração da posteridade, aureolada a fronte com as risonhas scintillações do genio.

Eis a mola real dos grandes emprehendimentos. Eis o talisman que risca do vocabulario a palavra *impossivel*.

Christovam Colombo, cuja apotheose o mundo está presenciando, o intrepido genovez que, ao esmolar os pobres recursos para emprehender a sua argonautica aventura, traga sorrindo os doestos da ignorancia que desdenhosamente o alcunha de visionario. Não importa: — Lá vae mares a

fóra, sem saber para onde..... Mas o cordame da sua caravela vibrava como cordas de uma harpa gigante em que a mão da procella ia desfruindo as primeiras notas do hymno do seu triumpho.

Colombo não quereria mais, mas quereria isto.

*
* *

A abnegação absoluta é uma chimera.

E, se não fosse a esperança no premio, não haveria navegadores arrojados, não haveria soldados aguerridos,—não haveria sangue de martyres que attestasse a divindade do Christianismo—não haveria santos, não haveria sabios.

Ao premio, pois, risonha mocidade, á honra, á gloria!

*
* *

Interessantes jovens, laureada esperança da patria, quando todos, como vós, comprehenderem quanto é nobre e glorioso obter um logar distincto na hierarchia do talento; quando todos como vós comprehenderem quam santa e imperiosa é a lei de Deus intimada em cada artigo do regulamento disciplinar d'esta casa, ella será um eden: a vida cá dentro um reverbero da felicidade no paraiso.

—O vosso brio academico e a vossa virtude, base da fagueira esperança que temos de ser uteis á geração d'ámanhã, illustrando-vos o espirito e formando-vos o coração para seu ornamento, dando assim á familia chefes dignos e á patria filhos dedicados e á religião crentes fervorosos, o vosso brio e a vossa virtude remuneram condignamente, exuberantemente o arduo trabalho a que vamos consagrando os nossos melhores annos.

—Em nome da religião, em nome da patria, em nome da familia, eu vos felicito muito d'alma.

*
* *

Esses premios, despojos opimos da lucta passada, são os primeiros degraus da luminosa escada por onde heis de subir ao templo da virtude e da sabedoria.

Combatentes um anno inteiro, mas a lucta começou apenas.

Não vos deixeis adormecer sobre os loiros; porque deante da gloriosa lucta que encetastes o passado é apenas uma escaramuça.

Coragem! E talvez que um dia, essa aureola de risonha juventude seja substituida pelos immarcessiveis louros com que o genio costuma aureolar a fronte que o abriga :—aquellas insignias doutoraes—a borla, o capello.

Disse. *P.e Julio Cesar.*

DEUS, FÉ E SCIENCIA (1)

Ex.mos senhores.
Presados collegas.
Estudiosos jovens.
Meus senhores.

E' ardua, esfalfante e por vezes desanimadora a ascensão da montanha que se alcantila á nossa frente; mas é delicioso, vigorisador e tonificante descançar-lhe no cimo, contemplar a paizagem que se desenrola magestosa e captivante a nossos pés, beber a tepida e balsamica aragem que gira lá no alto, limpa de miasmas.

Escabrosa é a estrada da sciencia; tem algares que se rasgam medonhos, espinhos que abrem fundas chagas.

Trilhal-a custa e muito.

As vontades mais tenazes, os espiritos mais alevantados desfallecem por momentos.

E' que surgem aqui e além obstaculos que se apresentam insuperaveis.

Para os demover requer-se muita força, força herculea,

---

(1) Discurso pronunciado na academia literaria realisada no collegio de S. Damaso a 11 de dezembro de 1892.

muita persistencia, persistencia inquebrantavel, requer-se muito estudo, estudo aturadissimo, sem enfraquecimentos.

Mas isso é ardno esfalfante e por vezes desanimador.

Que importa?

A's durezas da lucta succedem os rejubilos da victoria.

Após o espadanar do sangue que empapa a arena do combate vem o cicatrisar das feridas com o balsamo d'um descanço bem merecido.

E como é delicioso, vigorisador e tonificante esse descançar sobre trophéos conquistados pelo trabalho, esse olhar retrospectivo sobre o caminho trilhado, em que se estendem, convidativas sempre, as armas da peleja, em que tremeluzem as gottas do nosso suor, em que se vêem pairar ainda aquelles sorrisos de tanto jubilio que se desabotoavam nos labios ao encontrar o x d'um problema!

Sim, que importam esfalfamentos agora, se ao depois abundam os alentos? Que valem algumas tiritações no inverno do estudo, se álem desponta um sol que vivifica e acalenta — o sol da gloria?

Não tremer, não recuar nunca na estrada da sciencia, escabrosa, sim, mas com oasis a suavisarem-lhe a aspereza de quando em quando.

No termino do caminho fluctuam donosas as vestes brancas d'um anjo com as mãos repletas de virintes loiros.

E' a coroação que chega.

E hoje reunimo-nos aqui para isso.

Vimos solemnisar o triumpho do talento e do estudo, vimos premiar as lucubrações de espiritos que se querem opulentar de sciencia, vimos felicitar o viandante que chegou ao cimo da montanha, embora esfalfado, mas não com o lucto do desconforto a escurentar-lhe o coração.

Justo e necessario é.

Labutar todos os dias, de sol a sol, com pequenas intercadencias de descanço, afadigar o espirito, debilitar o corpo na lucta pela sciencia, e alfim não ouvir sequer uma palavra que anime para novas fainas, isso é altamente desconsolador, requintadamente injusto. Estudar é impellir a huma-

nidade para a frente, e impellil-a para a frente é amal-a, e esse amor merece correspondencia, porque é puro e santo.

Infelizmente, a sociedade tem muitas vezes olvidado os seus movimentadores.

Então não os aureóla de loiros, mas corôa-os de espinhos; não os propelle ás alturas da apotheose, mas enroupa-os com os andrajos da miseria; não lhes tece grinaldas, mas cava-lhes sepulturas.

Que as victimas lhe perdôem.

E perdôam, porque os genios são corações adamantinos, são almas avoejando em regiões para lá d'este mundo. Um exemplo d'entre muitos e de casa.

Camões, o dilecto das musas, o sublime epico, o soldado destemido, o portuguez de brios, canta a patria, morre ao desamparo da patria, e ainda assim o seu ultimo suspiro é pela patria que tambem agonisa, as derradeiras palpitações do seu coração, tão lancerado e sempre tão amante, são pela patria que abre a sepultura nos palmares da Africa.

Que este esquecer, que este desamparar de quem devia amar, não sirva para entibiar vontades e quebrantar animos.

Avante sempre, os labios applicados sempre ao caudal da sciencia.

Mas dir-me-heis, talvez, para que tantas labutações, se a vida passa breve, e o mundo nos envenena os poucos dias de existencia? Respondo-vos: A vida é breve, mas a gloria é immortal. Soffre-se agora, é-se desprezado agora, mas revive-se depois, na posteridade, gloriosamente, com a aureola devida, vae se viver depois nas regiões felizes d'além-tumulo, quando a sciencia, que nos locupleta cá em baixo, é a verdadeira.

E já que a occasião se apresenta tão asada permitta-se-me que falle um pouco sobre a sciencia com Deus e a sciencia sem Deus.

*

* *

A sciencia, meus senhores, bebida com sofreguidão,

abundantemente, quanto possivel, produz um Aquino que se remonta ás paragens da metaphysica mais transcendental, como a aguia se ala aos paramos mais afastados do azul, produz Lacordaire que galvanisa selectos auditorios com as vivissimas rutilações do seu verbo de fogo, produz Galileu e Laplace, Leibnitz e Descartes.

A sciencia cultivada com esmero e persistencia produz todo esse esquadrão de genios que rasga celagens e dilata horisontes, espanca trevas e esparge luzes, que inventa, descobre e aperfeiçôa, que desce a profundos abysmos e sobe a distanciadas regiões em busca de novidades que enriqueçam o espirito, da decifração d'enygmas que atormentam, como esphinge em pleno deserto.

A sciencia produz... A sciencia só, não. A sciencia de mãos dadas com a fé, sim, produz tudo o que ha de grande e elevado, tudo o que tem o cunho da sublimidade, tudo o que abrilhanta e afidalga o homem.

E para isso devem viver unidas, como irmãs gemeas, enlaçadas em amplexos d'amor acendradissimo.

A sciencia sem fé tropeça, cae a miude e não chega onde devia chegar.

A sciencia sem fé transvia-se do verdadeiro caminho e vagueia e erra e fórma systemas baseados em principios de uma falsidade bem palpavel, concebe ideias por vezes d'um ridiculo bem extravagante.

Se lhe falta a bussola a norteal-a! Como a avesinha quasi implume, quer tentar vôos muito arrojados, e, como ella, cae desfallecida n'uma carreira vertiginosa.

Apregoa-se por ahi, meus senhores, a sciencia sem Deus.

Pretende-se dar-lhe alicerces inconcussos, fazel-a dominar. Pretensão utopica!

Querer-se banir Deus do campo da sciencia, como se Elle não fosse a sua realidade mais saliente, como se os seus attributos não brilhassem esplendorosamente nas maravilhas que ornamentam os plainos da sciencia!

Relegar Deus dos dominios da sciencia para o ostracis-

mo do olvido e do desprezo, é envolvel-a em negrumes densissimos.

Tirae a luz ao dia e tereis a tréva.

Tirae Deus á sciencia e o vosso espirito errará por entre as brumas d'uma noite caliginosa.

A sciencia não é o que deve ser, se lhe falta a fé,—facho que illumina com rebrilhações vividissimas, candelabro rutilantissimo posto entre o ceu e a terra, como a dizer á sciencia humana: Atéa qui, tu; para além, eu. Não ha usurpar-me os dominios. Ao menor tentame conhecerás a tua impotencia para desvendar segredos cuja revelação só a mim pertence.

Senhores: Os pregoeiros da sciencia sem Deus bradam por ahi muito orgulhosamente, dando-se ares d'uma auctoridade incontroversa: «Deus! Deus uma chimera. Fé! Fé um ridiculo, um engodo para os ignorantes. Deus! Deus um senhor absoluto apeado do seu pedestal de dominio.

Fé! Fé um anachronismo, uma antigalha sem merito lançada a um canto pelo progredir da sciencia. Deus! Fé! Quem pensa hoje n'isso?

Temos avançado muito para olharmos tanto á rectaguarda.»

Bello progredir esse que não quer o Deus dos grandes pensadores, dos talentos exhuberantes de seiva, pujantes de vigor!

Quizeram-nO, em meio das escurrentezas do paganismo, Socrates, o pensador profundo, Platão, o *divino*, o discipulo que desenvolve e explana as ideias do mestre, abrindo mais latos horisontes, Aristoteles que projecta no ceu da antiguidade reverberos de intensa luz.

Ao influxo do christianismo quizeram-nO S. Thomaz, a aguia que se livra em excelsissimas paragens; Newton, o physico, que descobre e inventa; Leibnitz, o cosmopolita, em sciencia; Fenelon, o mimoso; Bossuet, o eloquente; Secci, o astronomo consummado.

Quizeram-nO todos aquelles a quem tem brilhado no cerebro verdadeiros lampejos de inspiração.

E esses, os que se dizem motores d'um progresso que

tanto decantam, os *non plus ultra* em sciencia, não O querem!

Pobres soberbos!

Não querem Deus, e querem o *acaso*, esse não sei quê, —esse monstruoso parto de espiritos tresloucados!

Não querem Deus, e grimpam ás culminancias do poder, a materia cega, a materia inconsciente!

Não querem Deus! Mas isso é contrariar as aspirações do coração, apagar as luzes da intelligencia!

Mas isso é dizer á natureza: Para que fallas tão alto de Deus, para que O revelas tão salientemente em cada uma das tuas bellezas? Cala-te, não pronuncies esse nome, que as tuas grandezas são obra do... do que só elles sabem e comprehendem.

Não querem a Fé, e não se lembram que sem o seu calor estiola-se e murcha a flôr da Esperança, e murcha esta, apagam-se os nobres sentimentos, riscam-se do coração as sublimes aspirações, e então é o cair nos braços do desespero que arrasta ao abysmo do crime.

Não querem a Fé que antemura contra os ataques da corrupção, e das largas redeas ás paixões que debilitam o espirito.

Não querem Deus, não querem a Fé e a sociedade navega a velas pandas no oceano do vicio.

Não querem Deus, não querem a Fé, e as Babylonias resurgem mais hediondas que nunca, e pustulas ascosissimas desfeiam e, o que mais é, esphacelam o organismo social.

Não ensinemos á creança com os rudimentos do alphabeto a palavra de Deus, e vel-a-hemos mais tarde um monstro.

Não convençamos a humanidade de que existe um Deus que premia e castiga, e ella far-se-ha senhora despotica na satisfação dos seus appetites desordenados. Exagero? não.

A sciencia sem Deus leva a isso. Que entraves lança ella á pratica do mal? Deixa que o homem obre ao sabor das suas propensões desvairadas.

Que refrigerio verte ella com mão amiga no coração do

infeliz a quem magoam e laceram as asperezas da vida, a quem assaltam terriveis os embates da desgraça? Nenhum; muitas vezes porém, o scepticismo, e elle desconfortado e desesperançado, lança-se a sangrar o melhor sangue do seu coração, nos barços da morte.

Que remuneração condigna offerece ella ao homem, heroe na virtude, sublime na pratica de seus deveres? Quasi sempre o escarneceo o riso sardonico.

Mas a sciencia com Deus não faz isso.

Ao homem que estrebucha no tremedal do crime brada-lhe: Acautela-te, que a justiça divina véla, desperta sempre.

Ao infeliz que soffre e geme, ao infeliz minado por dôr acerba, batido de angustias terriveis, diz-lhe, apontando para o céu: Ora, que a prece allivia corações; chora, que as tuas lagrimas, evolando-se até o throno do Altissimo, farão que sobre ti desçam os orvalhos da sua misericordia.

Ao cumpridor fiel dos seus deveres, ao hercules da virtude, diz-lhe: Continúa, continúa, que as tuas acções são as rosas immarcessiveis da corôa que os anjos te preparam lá em cima. Não te acobardem os sarcasmos do mundo, que passam como relampagos. Anceia pelas alleluias do ceu que são eternas.

A sciencia com Deus procede assim, falla assim, e não desmoraliza, edifica; não prostitue a sociedade, santifica-a.

Possa ella dominar em toda a parte, assente ella arraiaes em todos os espiritos, e a humanidade vogará serena em mar tranquillo a porto seguro.

*

* *

Meus queridos jovens, amae, amae com toda a vehemencia de vossos corações juvenis, a sciencia, mas a sciencia que arvora estandarte em que brilha a palavra Deus.

Estudae, estudae afincadamente, porfiadamente.

E' tão bello ser coroado de loiros!

Enthusiasmam tanto estas festas!

Quantos corações não palpitarão agora de jubilo!

O de vossos superiores, que se reveem na sua obra, no fructo de seus aturados labores. O de vossos paes, que, por certo, já advinhou a felicidade de seus filhos.

O de toda esta assembleia que admira a pujança do vosso talento e a incansibilidade do vosso estudo.

O vosso, oh! o vosso palpita fortemente.

Não me engano. A commoção que vos agita a alma é das mais violentas.

Nada receeis d'ella.

A alma precisa de ser sacudida de vez em quando.

Eu vos felicito, esperançosos jovens.

Eu vos auguro e desejo uma carreira brilhante de tropheos. Eu vos dou os parabens com toda a effusão d'uma alma amiga, d'uma alma que se mais não faz por vos é porque mais não póde.

Disse.

S. Damazo.

P.e Henrique Gomes.

OS TRABALHOS APOSTOLICOS
NO
CONTINENTE NEGRO

A influencia civilisadora do Christianismo tem espalhado brilhantemente a sua acção benefica na Africa. Onde se eleva um monumento que atteste o esforço humano para arrotear terrenos, desenvolver transações e evidenciar progressos, lá se depara com os vestigios da passagem do missionario catholico, o evangelisador da paz, do bem, da harmonia social.

Nos tempos em que Portugal abriu gloriosamente caminho ás emprezas de descoberta e colonisação das regiões africanas, teve por auxiliar valiosissimo o missionario dedicado e trabalhador, e á influencia da religião deve os resultados que no descobrimento, posse e fixação de dominios obteve como um dos titulos que mais illustram a nossa historia.

Abundam os argumentos que comprovam esta verdade e sobram os testemunhos que confirmam a urgencia de manter em todo o seu prestigio a religião que é luz eterna a derramar esplendores na senda do progresso, que os espiritos mais illustrados desejam vêr fortalecido no vastissimo continente negro.

Nenhum estado, nenhum povo, nenhuma instituição humana tem contribuido com maior quinhão para o amplo thesouro da civilisação universal, e sem fallarmos de tantos sacrificios que a historia aponta e a humanidade memoriza, basta-nos citar o quanto a Egreja Catholica tem contribuido em beneficio das conquistas, que desde largo espaço as nações cultas da velha Europa tem intentado realisar na Africa.

Deante d'este assumpto que era, além de complexo, dilatadissimo, limitar-nos-hemos hoje a commemorar o finamento d'um illustre prelado, que foi nos nossos dias o mais ardente apostolo da civilisação africana.

A França pranteia com sincera magoa e o mundo catholico acompanha-a igualmente tributando justificada homenagem ao Cardeal Lavigerie, que ha pouco falleceu em Argel.

Este eminente prelado não era só uma gloria da França e do episcopado catholico, era um vulto sympathico que havia conquistado uma veneração geral. A sua missão civilisadora nas possessões francezas d'Africa, a creação de hospicios, orphelinatos, escholas e templos catholicos; o desenvolvimento dado ás propagandas religiosas em beneficio dos escravos e a sua cruzada para a extincção da escravatura; as suas viagens e peregrinações; a edificação e sagração da cathedral de Carthago; os seus eloquentes discursos, conferencias e pastoraes; a tenacidade da sua longa pastoreação em terras inhospitas; a sua morte edificante e o seu testamento altamente caritativo: tudo avulta de um modo superior o arcebispo de Argel e cardeal da Santa Egreja de Jesus Christo, bem merecedor das homenagens que alcançou em vida e do culto de saudade que hade perpetuar a sua memoria.

O cardeal era uma bella e magestosa figura, alto, robusto e particularmente attrahente; usava a longa barba branca, que distendendo-se sobre as vestes prelaticias, lhe dava o aspecto d'um d'esses antigos patriarchas biblicos que impunham soberanamente o respeito e a veneração.

O Pintor Bonnat copiou habilmente na tela o illustre cardeal e quasi todos os jornaes illustrados reproduziram a pintura.

Havia nascido em Bayona em 1825, fôra educado no collegio de San Sulpicio em Paris, doutorado em theologia e professor na Sorbona, foi sagrado bispo de Nancy em 1863 e passou para arcebispo d'Argel em 1867, onde revelou as suas apreciaveis aptidões e tinha altissimo prestigio entre os arabes, que o apellidavam o *marabut de França*.

Movido de ardente caridade, veio á Europa e fez conferencias publicas na Inglaterra, na Belgica e em França, clamando a acção dos governos e de todas as instituições em favor das classes servas para que terminassem os tractos e a venda dos escravos d'Africa; assim como creou uma nova melicia religiosa semelhante aos Cruzados, sob o titulo de Cavalleiros Brancos, destinada a combater em beneficio da sua grande obra humanitaria.

O enthusiasmo que elle tinha pela sua diocese revela-se brilhantemente n'este trecho d'uma das suas cartas.

—N'uma d'essas tardes, que em Africa são tão bellas, não tendes pensado na resurreição d'uma antiga epocha, ao estenderdes a vista do alto de Carthago sobre o panorama encantador que se vos offerece? Este sol que se some no occaso dourando com os seus ultimos raios a eminencia do Atlas, este mar immenso e placido em volta do qual se elevam em amphitheatro as collinas e os montes com as tintas encantadoras d'uma formosa paisagem; este céo diaphano que parece abrir aos nossos olhos os infinitos espaços; estes lagos anilados estas alvas muralhas de Goulette e de Tunis, esta terra tapizada de folhagem escura e coberta já com as transparentes sombras da noite; esta bahia magnifica, estas ruinas dispersas, este enorme silencio com a sua incompara-

vel magestade: ha por accaso no mundo um quadro mais admiravel?

E se no meio d'este silencio a vossa memoria evoca a morte, que nomes e recordações se agrupam em redór da lembrança de S. Luiz!

Mesmo no local onde se eleva o seu altar, a fabula colloca a pyra de Dido. Era tambem alli que cinco seculos antes da nossa era, reinavam os dominadôres d'Africa, da Sicilia, da Sardenha, das ilhas do Mediterraneo e da Hespanha: Magon o Grande e Amilcar. Era d'alli que partiam com Hannon essas expedições audaciosas que descobriram as costas do Oceano, as ilhas Britannicas, a Islandia, a America, que o mundo antigo devia conquistar e que depois Colombo encontrou um dia.

E' alli que Regulo, segundo a expressão de Bossuet, volta mais illustre pela prisão do que pelas suas victorias. E' d'alli que parte Annibal para pôr em balanços a fortuna de Roma e vem depois assistir á ruina da sua patria. E' alli que apparecem simultaneamente, ora vencedores ora fugitivos, os dois Scipiões, Mario, Cezar, Catão, mais tarde Genserico com os vandalos e Belisario, e ainda os ferozes Kalifas, que estenderam durante alguns seculos sobre ruinas o seu vôo sanguineo do olvido. E no meio d'estas figuras sombrias levantam-se as dôces imagens de Cypriano, de Felicidade, de Perpetua, de Agostinho, de Monica, a mãe d'um rei, que embora não subisse um throno, reina depois de passados tantos seculos no espirito e no coração de todos. Menos feliz do que Branca de Castella, não pôde defender seu filho dos ataques do mal; mas salvou-o por lagrimas, e estas lagrimas maternaes eram tam abundantes, que deram ao mundo o espectaculo d'uma morte sanctificada pelas sabias lições d'um rei moribundo, eternamente dignas da meditação dos principes e do reconhecimento dos povos christãos.

Cardeal Lavigerie.

Depois de tão illustres emprezas assignalarem o seu nome e de tão relevantes serviços perpetuarem a sua memoria, este benemerito apostolo da civilisação africana repousa na cathedral de Carthago no tumulo que mandou construir e que tem gravada esta inscripção por elle dictada antes da morte.

Aqui jaz aquelle que foi Cardeal Lavigerie,
e que hoje não é mais do que pó. Rogae por elle!

A singeleza d'este epitaphio revela a candidez da alma e o espirito christianissimo do venerando arcebispo.

Que eloquente lição a sua vida! Que altissimo exemplo!

Porto.

PADRE F. J. PATRICIO.

EIA !... (1)

Romeiros do porvir vamos á Promissão,
tão fortes e seguros, como os crentes vão.
Com refregas e ardís por nós aguarda a vida.
E' por isso tambem que em afanosa lida,
as lanças e os broqueis andamos a polir.
E' mister, como heroes, nos prelios esgrimir.
Malhêmos com vigor, na luminosa incude.
A aula é officina, e forja é a virtude.
Desfraldando o estandarte á gloriosa luz,
nas dobras por brazão pozemos-lhe uma cruz.
Subamos ao azul, ás musicaes espheras!
Rasguemos ao futuro as mais brilhantes eras!

(1) Poesia recitada pelo alumno do collegio de S. Damaso, Carlos Ribeiro Borges, na solemne distribuição de premios realisada a 11 de dezembro de 1892.

E vamos, esquadrões das hostes andantinas,
auroras demandar ás plagas levantinas;
gentilezas obrar por nossa dama—a gloria!
e os aditos buscar de um Pantheon—a historia!
A aguia da noss'alma aspira aos arreboes;
Fartemol-a de luz, n'um turbilhão de soes!
E' correr, galopar, heroicos, triumphantes,
no corcel do talento, em paramos brilhantes!
E' correr, beduinos, d'um ideal empós,
dando ao sopro do vento, as pregas do albernoz!...
Veem repercutir hoje, em nossos arraiaes,
dos hymnos do triumpho as notas festivaes?!
A todos nós inflamme o brio das ovações,
no juvenil ardor das francas expansões!
Do louvor nos clarins, ha bellica toada.
Ouvil-a é disputar um posto na avançada!...
Dos notaveis, se um dia, a purpura, a evidencia
Tocar a alguns de nós, beijemos com ardencia,
da mocidade de hoje, as limpidas memorias.
Por ellas hão de vir-nos as futuras glorias.
E, como se descobre, ao longe, o viandante,
a quem lhe deu um norte e lhe bradou—avante!
aos mentores digamos:—Tudo que valemos,
á vossa exhortação e ao vosso amor devemos!
As ramas de carvalho, o loiro, e as estylitas
desceram até nós, por vossas mãos bemditas!...

E apontemos ao sol, dos ceus na assomada,
Trazendo-nos da gloria, a esplendida alvorada! ..

MATTOS FERREIRA.

INFLUENCIA DO CATHOLICISMO

NAS

PRODUCÇÕES DA INTELLIGENCIA

VII

A Philosophia

Cicero definiu philosophia o desejo de saber. Diz-se pois philosopho aquelle que procura descobrir a verdade.

Foi Pythagoras quem deu o nome de philosophos aos amantes da sciencia, o quaes d'antes se chamavam sabios ou sophistas.

A denominação de sabios pareceu demasiado presumpçosa; e a de sophista ficou desde então, como affirmam Aristoteles e Cicero, designando aquelle que por vaidade e para ostentar engenho, sustenta questões inuteis e superfluas.

Tinham os philosophos entre os Persas o nome de Magos; entre os Latinos, o de Sabios; entre os Gauleses, o de Druidas; entre os Egypcios, o de Prophetas ou Sacerdotes: entre os indios, o de Gymnosophistas, e entre os Assyrios, o de Chaldeos.

Antes de inventada a designação de philosophos, davam tambem os Gregos a de sabios, áquelles que se entregavam ao estudo da sciencia e se tornavam notaveis por seus conhecimentos.

Passaram pois o diploma de sabios a sete individuos, ainda hoje conhecidos por = Os sete Sabios da Grecia.

Eram os seguintes:

Thales de Mileto, que introduziu na Grecia o conhecimento do curso dos astros e a predicção dos eclypses.

Periandro, que dominou em Corintho, e de quem se referem estas duas sentenças: os gostos e praseres são transitorios: a principal guarda dos principes é o amor dos subditos.

Bias, tão desprendido das coisas da terra que, sendo to-

mada a cidade em que vivia, se retirou sem nada levar comsigo, dizendo que levando a sciencia, levava toda a sua riqueza;

Solon, que suavisou as leis de Draco conquistando por isso a maxima veneração dos seus concidadões.

Pitacco de Mitylene que, nas guerras que a sua patria teve com os Athenienses, se bateu em combate singular com Phrinon, celebre capitão d'estes, e vencendo-o, foi-lhe conferida a soberania da sua nação, a que elle deu um codigo de leis, em seiscentos versos.

Chilon de Lacedemonia, que fez gravar no templo de Delphos, estes tres preceitos ou maximas: Conhece-te a ti mesmo—Nada cubices com desejo immoderado—Não sejas invejoso.—

Cleobulo, que estudou no Egypto e foi muito instruido em enygmas e geroglificos.

Fundamentava toda a sua sciencia no horror ao vicio e no amor da justiça.

*

* *

A verdadeira e natural philosophia, diz Melchior Cano, não procede da tradicção dos homens, mas da revelação de Deus. O que exprimiram Platão e Cicero, dizendo aquelle que era graça, e este, invenção dos deuses.

Sobre o modo como ella foi revelada aos homens, dissertam larga e variamente os auctores.

Flavio Joseph, nas Antiguidades diz que os filhos de Seth inventaram a sciencia e conhecimento dos astros e causas naturaes: e que receosos ou advertidos da futura destruição do diluvio, gravaram em duas columnas estas descobertas, para que se não perdesse sua noticia.

Agostinho Stheuco opina que aquelle conhecimento e sciencia natural foi communicado a Adão pelo Creador, a Abrahão por intermedio de Noé e a este por Mathusalem, que viveu no tempo de ambos; e derivada d'este modo de

Adão e Mathusalem, d'este a Noé, e de Noé a Abrahão, foi d'este modo que Deus a communicou aos povos.

E' certo que poucos foram os privilegiados que possuiram e conservaram o conhecimento da sciencia: o que se deve attribuir a não haver documentos escriptos, mas só pela tradição serem transmittidos ás gerações futuras.

Além d'este, adusem alguns auctores outra razão. E' que os homens por falta de pureza de coração e sinceridade da alma se tornaram indignos de possuir a sciencia revelada por Deus; pois, diz Eusebio, eram inclinados a todas as maldades, despresavam o temor de Deus, e não tinham culto algum de religião. Só Noé foi julgado justo e digno de conservar a noticia das sciencias. O mesmo facto se deu com Abrahão que, em todas as gerações viciosas, que se foram succedendo, só elle mereceu o nome de Pae dos crentes.

*

* *

O Padre Quadros, na Palestra escholastica, é de opinião que a philosophia europea teve origem nos sete sabios da Grecia, em cujo tempo floresceu tambem Pherecides, da Syria, e que d'um e d'outros dimanaram as duas escolas Jonica e Italica.

A' primeira deu principio Thales de Mileto, cujo discipulo Archelau a trasladou a Athenas; e á segunda deu origem Pithagoras, discipulo de Pherecides.

Das differentes opiniões dos philosophos d'estas escolas, brotaram seitas diversas: as principaes são as seguintes:

A dos Academicos estabelecida por Platão, com duas academias: a media instituida por Arcesilau e a nova, cujo auctor foi Lazydes.

A dos Cynicos, fundada por Antisthenes; a dos Estoicos introduzida por Zenão: a dos Epicurios, do nome de Epicuro seu fundador; a dos Peripateticos estabelecida por Aristoteles, e a dos Pythagoricos, de Pithagoras, seu auctor.

Vejamos as doutrinas d'estas escolas e seitas, para podermos comparal-as com as da philosophia catholica.

*

* *

Passando em silencio as douctrinas philosophicas, mais ou menos nebulosas e obscuras, dos Indios, Chinas, Persas, chaldeus, Egypcios e Phenicios, vejamos o que nos diz a historia a respeito da philosophia grega.

Thales de Mileto, fundador da Escola Jonica, opinava que o principio material de todas as cousas era a agua, e que Deus é a intelligencia que tudo formou da agua.

Anaximandro, discipulo de Thales, dizia que a origem de todas as cousas era o cahos, mistura confusa de todos os elementos; tudo sahe do cahos e a elle volta, por um eterno movimento de composição e decomposição.

Vê-se que este philosopho desfigurou a douctrina do mestre: a uma intelligencia que fecunda e ordena o cahos, substitue um movimento cego.

Anaximenes segue uma doutrina parecida com a do antecedente: tudo nasce do ar e a elle volve; tudo se faz por condensação e dilatação do mesmo elemento. Se a condensação é muita, formam-se as pedras, os metaes; se a dilatação chega ao ponto mais alto, resulta o fogo.

Anaxagoras, de Clasomenes não seguiu as pisadas de Anaximandro, nem de Anaximenes seu mestre, e aproximou-se dos de Thales. Admittiu dous principios—espirito e materia.

O mundo não é filho do accaso; mas obra do poder e sabedoria d'uma intelligencia infinita.

Pythagoras, fundador da escola Italica, admittiu uma grande unidade, da qual, dimana o mundo, o qual é tambem um conjuncto de unidades inferiores.

Como mathematico, empregava em suas explicações termos mathematicos. Assim dizia que a nossa alma é um numero. Seus discipulos diziam que ella a alma, é uma emana-

nação do fogo central, o Sol, e um composto de ether quente e frio, obrigado pelo destino a atravessar uma serie de corpos; isto é admittiam a metempsycose.

Xenofanes ensinou que não havia mais que um ser eterno, immortal, immutavel, o qual era tudo.

Parmenides cria que o fogo havia formado e movia a terra; e que uma especie de circulo ou coroa luminosa cingia o céu, a que chamava Deus.

Os da eschola eleatica, fundada por Zenão e Xenofanes, dando demasiado valor á razão e deprimindo os sentidos, acabaram por negar o testemunho d'estes, dizendo que a experiencia é apenas uma apparencia.

Heraclito viu no fogo um agente universal de todas as cousas.

Leucipo e Democrito explicavam a formação do universo pela combinação dos atomos, sendo a alma um conjuncto de atomos de fogo.

Empedocles explicou a origem do mundo pela combinação de quatro elementos: a agua, o ar, a terra e o fogo, aos quaes concedia attributos divinos.

A philosophia de Socrates era toda moral. A perfeição da philosophia consistia no conhecimento e culto da divindade, na boa conducta, e em preparar-se para receber na outra vida o premio das boas acções.

Mas no meio d'esta elevação de ideas e sentimentos, Socrates acreditava na adivinhação; e até se diz que inculcava ter um genio familiar—doemon—com quem estava em communicação frequente!...

Platão elevou-se pela sublimidade de suas douctrinas, á mais alta reputação. Deram-lhe o appellido de—Divino—, apesar das contradicções que se notam em suas opiniões, devidas talvez á obscuridade em que envolvia suas douctrinas.

Admittia a eternidade da materia, mas dizia que o universo fôra obra d'uma intelligencia infinita.

A alma é uma força, que se move por si mesma, e distinguio tres especies ou partes da alma: a racional com a séde na cabeça; a concupiscente com a séde no ventre, e a iras-

civel com a séde no coração. E' d'este que procedem as acções mais elevadas.

Arcesilau opinava que não póde haver certeza nos conhecimentos humanos; não affirmava coisa alguma, e disputava pró e contra qualquer proposição.

Carneades não ia tão longe como o antecedente, negando a existencia da verdade; mas dizia que o homem a não póde conhecer.

Aristoteles opinava que o mundo é eterno, e não obra d'uma providencia; defendeu porem a existencia de Deus, pela continuidade do movimento, e representou-o como fim da natureza.

Aristypo não admittia differença entre o bem e o mal, o fim do homem é a felicidade, e esta consiste no prazer.

Pyrrho levou até o extremo a maxima de Socrates: — Só sei que não sei nada.

Duvidava pois de tudo, até da propria virtude.

Epicuro seguiu as pisadas de Aristipo de Cyrene, só com a differença de dar preferencia aos prazeres do espirito e do coração, sobre os dos sentidos.

Negava a acção da Providencia, e dizia ser o mundo produzido pelo encontro fortuito dos atomos. Falla em deuses algumas vezes, mas sem acreditar na sua existencia. Para elle nada mais havia que materia e movimento.

Os Estoicos affectavam muita virtude e indifferença nas contrariedades da vida.

O deus dos Estoicos era o fogo; a alma é uma centelha de fogo, que ou morre com o corpo, ou vive só, por largo tempo; não tem liberdade, obedece á necessidade, ao fado!...

*

* *

Eis o que nos ensina a tão preconisada philosophia pagã, a respeito dos grandes problemas, que interessam á humanidade.

Depois de muito labutar, de muito estudar, de muito

philosophar, durante uma vida inteira, Socrates, o maior genio que produziu a Grecia, confessa que nada sabia, nada aprendeu.

E Plinio, um dos maiores talentos, que floresceram em Roma, chega no cabo de seus estudos, á triste conclusão de que: A unica certeza que existe, é que nada é certo; e que não ha ente mais orgulhoso e miseravel do que o homem!...

E verdade que alguns philosophos, entre o muito que dissertaram, algumas verdades ennunciaram; porém, querendo ascender a regiões mais elevadas, cahiram em erros deploraveis. E' que lhes faltava o fundamento da verdadeira sciencia, o qual só póde ter aquelle que é ensinado por Deus, como diz Lactancio.

Santo Agostinho compara os philosophos ás raas, pelo seu continuado e importuno grasnar, sem tom nem som.

S. João Chrysostomo diz que são parecidos aos sepulchros, branqueados por fóra e cheios de podridão e vermes por dentro; porque com o ornato e brilho de suas palavras, encobrem a hediondez de seus erros.

S. Basilio diz que são como a coruja, que vê claro nas trevas, e nada á luz do sol.

Theodoreto diz que, assim como algumas aves tem voz humana, mas não intelligencia: assim aos philosophos lhes falta, em assumptos religiosos, o necessario conhecimento, para intenderem o que dizem!...

*

* * *

Taes são os fructos que, de suas longas e profundas lucubrações, legou a humanidade a tão exalçada philosophia pagã!..

E, apesar de tudo, só porque alguns philosophos viram um pouco mais claro, e ennunciaram algumas verdades, pretendem os criticos modernos, os inimigos do catholicismo, apresental-a como obra perfeita, sufficiente para fazer a felicidade dos homens!..

Não veem ou não querem ver que os poucos e obscuros lampejos que, de suas obras, despedem esses raros genios privilegiados entre seus congeneres, são evidentemente recordações confusas das tradicções primitivas!..

Infeliz humanidade se a philosophia catholica não viesse em seu auxilio, fornecendo-lhe os meios necessarios de co-de conhecer a verdade!..

D'esta fallarei no artigo seguinte.

(Continúa.)

Reitor de Mancellos,

José Victorino Pinto de Carvalho.

FIM DA 1.ª SERIE

GAZETILHA

A «Crença & Letras» publica todos os mezes nas capas, uma noticia dos factos e noticias mais interessantes relativas ao Collegio de S. Damaso. As familias dos alumnos d'esta importante casa de educação encontrarão na—*Gazetilha*—tudo quanto possa interessar-lhes, no tocante ao andamento e organisação do collegio, como: aulas, notas, exames, ferias, prescripções disciplinares, etc.

A *Gazetilha* será redigida pelos collegiaes que mais habilidade manifestem. Isso lhes servirá de aprendizagem utilissima visto ser hoje a imprensa um poderosissimo meio d'acção, de que a cada passo precisam de valer-se quantos seguem carreiras literarias.

COLLABORADORES

DO

VOLUME I

DA

CRENÇA & LETRAS

A. Moreira Bello.
* D. Abade Learden.
Abel Andrade.
Abundio da Silva.
Albano Bellino.
D. Antonio d'Almeida.
Antonio Dias da Costa.
P.e Antonio Hermano.
Arthur Brandão.
* Bruno d'Almeida.
Clemente Gomes Alves.
P.e Francisco José Patricio.
Henrique Gomes.
Hermano Amandio.
J. Machado.
J. d'Oliveira.
P.e Joaquim José Soares.
José d'Azevedo e Menezes.
José Pereira da Costa.
P.e José Victorino Pinto de Carvalho.
P.e Julio Cesar.
Mattos Ferreira.
Rangel de Quadros.
Rodrigo Moreno.

Observação—Os nomes, precedidos de um asterisco, são pseudonymos

Os alumnos premiados foram os seguintes:—

Em merito moral—Manuel Jorge Coimbra, Albino d'Azevedo Maia, Antonio Augusto d'Oliveira, Fernando Mendes de Vasconcellos, Alfredo Mendes da Silva, José Carneiro Leão Queiroz, Manuel Francisco Sol, João de Faria Soares d'Almeida Queiroz, Antonio da Fonseca Pereira Guimarães.

Em merito literario—Albino d'Azevedo Maia (2 premios) Albano Gustavo Mesquita Cirne (2 premios), Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Martins Gomes, Manuel José Martins, Manuel Francisco Sol, Arnaldo Vieira Neves da Cruz, Albano José Peixoto, Antonio Maria do Amaral Peixoto de Freitas, Manuel Antunes d'Azevedo, Antonio Dias Machado, Alberto Novaes da Costa Leite (2 premios), Carlos Ribeiro Borges, Manuel Jorge Coimbra (2 premios), Avelino Augusto Vieira Pinto, Antonio da Fonseca Pereira Guimarães (2 premios) Aureliano Armindo d'Almeida Soares Leite, Basilio Augusto Vieira Pinto.

*

* *

Associação de S. Luiz Gonzaga—Por iniciativa do illustrado professor d'este collegio, P.e Antonio Joaquim d'Oliveira, instituiu-se aqui a benefica e benemerita Associação de S. Luiz Gonzaga. Em harmonia com os Estatutos procedeu-se á eleição da meza directora, sahindo eleitos:—para Presidente Nato o Rev.do Antonio Joaquim d'Oliveira; Presidente—Augusto de Vasconcellos Gonçalves; secretario, Francisco Barbosa; thesoureiro, Francisco Dias d'Oliveira; procuradores, Raul Corrêa da Fonseca e Avelino Augusto Vieira Pinto.

Para outra vez fallarei mais largamente d'esta sympathica instituição.

O collegial, A. V.